Estado de Mato Grosso
Secretaria de Estado de Educação
Universidade do Estado de Mato Grosso
Campus Universitário de Pontes e Lacerda
Departamento de Letras

Rápida Viagem pelo "ambiente" das obras Românticas: *A Moreninha* e *Senhora*.

5918

Cláudia Santana dos Santos Azambuja

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda MT
RG Nº 5918
Data 26/01/00

Pontes e Lacerda - MT
1999

Turma - 1999/2

Cláudia Santana dos Santos Azambuja

Rápida Viagem pelo "Ambiente" das obras Românticas: *A Moreninha* e *Senhora*.

Ensaio monográfico apresentado ao curso de graduação em Letras da UNEMAT (MT), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciado em Língua Portuguesa e Literatura. Orientador: José Pereira da Silva Neto.

Pontes e Lacerda - MT
1999

Dedico este trabalho ao meu amado esposo, Sebastião Freitas de Azambuja, que me acompanhou - literalmente - todos os dias da minha caminhada acadêmica. Ele que carinhosamente soube me compreender nos momentos mais difíceis, sempre me ajudando e me incentivando.

Agradeço primeiramente a Deus, minha luz e força em todos os momentos.

Aos meus pais, que tanto amo, pelo amor, a dedicação e o incentivo.

Às minhas irmãs queridas, pelo carinho, a amizade e a compreensão.

Ao professor José Pereira da Silva Neto, pela ajuda e orientação.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

(...) a nossa existência é um longo dia, calmo e tranqüilo, que começou ontem, mas que não tem amanhã.

José de Alencar

Sumário

Apresentação----------5
Quadro Teórico----------8
Notícias da Literatura----------12
Análise----------23
Considerações Finais----------36
Bibliografia----------38

APRESENTAÇÃO

Para escrever só existem duas regras: ter algo a dizer e dizê-lo.

Oscar Wilde

Já dizia Ferdinand de Saussure em seu *Curso de Lingüística Geral*[1], "é o ponto de vista que cria o objeto", ou seja, todo objeto deve ser analisado à luz de uma determinada teoria. Para meu ensaio monográfico, optei pela área de Literatura Brasileira, tendo como recorte o "ambiente" das obras românticas: *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo e *Senhora*, de José de Alencar. Nesse trabalho estarei analisando o "ambiente" de ambas as obras, tendo como subsídio referências literárias do Período Romântico, do qual Afrânio Coutinho[2] escreve o seguinte:

> *As novas tendências que se opuseram no meado do século XVIII aos ideais neoclássicos, preludiando o Romantismo, refletem um estado de espírito inconformista em relação ao intelectualismo, ao convencionalismo clássico, ao esgotamento das formas e temas então dominantes. A imaginação e o sentimento, a emoção e a sensibilidade, conquistam aos poucos o lugar que era ocupado pela razão.*

Até esse momento - início do romantismo - predominava a linguagem culta, voltada somente para a elite, comprovando uma característica do Barroco: a exuberância

---

[1] SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Lingüística Geral. Editora Cultrix, São Paulo, 1995. (p. 12).

[2] COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Era Romântica. 4ª ed. volume 3. Ed. Global, São Paulo, 1997. (p. 5).

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

verbal. Alguns escritores procuram uma linguagem mais simples e faz-se uma ruptura desse período, iniciando o neoclassicismo com o predomínio da razão. O Romantismo chega valorizando as emoções, indo além, em busca de um mundo idealizado e infinito onde se pudesse fugir da realidade. "O conflito entre o eu e o mundo, o cidadão e o Estado é anterior ao Romantismo."[3] Enquanto a razão se identifica com o neoclassicismo e suas regras convencionais, o Romantismo cultiva a individualidade, a subjetividade, a evasão da realidade e a idealização, que são algumas das características desse período. É a partir dele que surge a literatura autenticamente nacional. "Seu impulso básico é a fé, sua norma a liberdade, suas fontes de inspiração a alma, o inconsciente, a emoção, a paixão."[4]

Insatisfeito com a ordem até então existente, o Romantismo traz o desejo de outra ordem procurando espaço para elementos afastados do universo da arte. Como produto social, a literatura reproduz em cada obra um pouco do momento histórico, da sociedade e da condição de vida presente naquele período. No caso do período Romântico, principalmente em seu primeiro momento, era de uma postura de reformar o país com soluções que vinham de fora, sem falar dos problemas políticos e sociais. Daí advém a idealização do índio, da pátria, da mulher e do amor. A morte é vista como fuga da realidade em busca da paz diante dos problemas vivenciados; no aspecto religioso, o Romantismo é o movimento literário que aflora a fé em Deus, até porque nessa época a sociedade era subjugada ao forte domínio do clero; a natureza é vista como refúgio dos problemas e cúmplice em todos os momentos.

Porém essa fuga não poderia durar para sempre e os escritores começam a escrever com mais objetividade, encarando de frente os problemas existentes. Diz Afrânio

---

[3] CADEMARTORI, Lígia. Período Literários, 8ª ed. Editora Ática. São Paulo, 1997. (p. 37).
[4] COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. op. cit. (p. 7).

Coutinho[5] que o século XIX caracteriza-se como "a grande encruzilhada de correntes literárias". E continua:

> *O Romantismo não terminou e já se fazem notar os traços do Realismo (...). Realismo - Naturalismo - Parnasianismo, componentes de uma mesma família de espírito, reagiram contra o Romantismo, sem embargo de receberem dele muito de seus elementos.*

O povo começa a preocupar-se com a realidade, buscando intensamente os valores liberais e materiais, voltando-se para o "positivismo" de Comte, a doutrina evolucionista de Darwin, a filosofia de Spencer e a psicologia experimental do alemão Wilhelm Wundt, o que revolucionou o modo de vida tanto no aspecto social como no político e religioso.

Frente as mudanças sócio-políticas e religiosas, os escritores passam então a escrever com objetividade, abandonando a subjetividade do Romantismo, ou seja, o homem começa preocupar com o que está diante e fora dele iniciando assim o Realismo. Segundo Lígia Cademartori:[6]

> *Enquanto o romantismo apresentava uma idealização do comportamento em personagens estereotipadas e com escassa densidade existencial, a investigação psicológica realista impedirá a idealização.*

Como percebemos, em contraposição com o Romantismo, o Realismo vem desmascarar a idealização do perfeito e do belo.

---

[5] LUFT, Celso Pedro. Novo Manual de Português, Gramática, ortografia oficial, literatura, redação, textos e testes/ Celso Pedro Luft.
... [et al.]. 4ª ed. Editora Globo - São Paulo - 1997. Apud. COUTINHO, Afrânio. Introdução à Literatura Brasileira. (p. 313).

[6] CADEMARTORI, Ligia. Períodos Literários. op cit. (p. 47).

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

QUADRO TEÓRICO

A leitura torna o homem completo,
a conversação torna-o ágil; e o
escrever dá-lhe precisão.

Francis Bacon

Ao estruturar uma narrativa, deve-se levar em conta alguns elementos, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, sem os quais a narrativa não existe. Estando analisando o "ambiente" em uma obra, devemos primeiramente esclarecer sobre "Espaço", uma vez que deste resulta o "ambiente".

De forma objetiva, Espaço é o lugar onde acontece a ação, sendo que de forma subjetiva o Espaço será caracterizado por projeções psíquicas do personagem. Ou seja, temos o Espaço dimensional, que é o físico; e o Espaço não-dimensional, que é o psicológico. O físico constitui-se de tudo que ajuda na composição do cenário em que desenrola a ação, como por exemplo a decoração, os objetos, interiores e os cenários geográficos. Já o Espaço psicológico constitui-se na visão subjetiva do mundo, é o que se vê através dos olhos, o imaginário.

Se a ação se resume num só ponto, isto é, se a trama é composta de poucos fatos, haverá então menos variedade de Espaço; mas se é uma narrativa repleta de acontecimentos, logicamente haverá abundância de espaços. O Espaço pode ser descrito de maneiras variadas: ora em grandes cidades ou em vastas regiões, ora em simples interiores. É relevante a maneira descritiva, da qual gera inúmeras possibilidades de representação e criação especial. Através da descrição é que se caracteriza o espaço, podendo este ser descrito minuciosamente ou simplesmente misturar-se na narração.

Independente da forma em que se apresenta, pode-se reconhecer suas características, como Espaço externo ou interno, Espaço rural ou urbano, etc.

As principais funções do Espaço são: situar as ações dos personagens e estabelecer a interação com os mesmos, influenciando em seus comportamentos, pensamentos e emoções. O Espaço é considerado uma das categorias mais importantes da narrativa, articulando as demais categorias. Assim afirmam Rolando Bournneuf e Réal Ouellet na obra *O Universo do Romance*.[7]

> *Se procurarmos a freqüência, o rítimo, a ordem e sobretudo a razão das mudanças de lugares num romance, descobrimos a que ponto eles são importantes para assegurar à narrativa simultaneamente a sua unidade e o seu movimento, e quanto o espaço é solidário dos outros elementos constitutivos.*

Em uma obra na qual existe coerência narrativa, é dado ao Espaço a mesma importância na organização que aos outros elementos. O Espaço age sobre os demais elementos da narrativa, reforçando-lhes o efeito e mostrando os propósitos do autor.

Usa-se o termo Espaço para determinar o lugar físico em que ocorrem as ações da trama, sendo considerado o cenário da história. Ao determinar um lugar social ou econômico, usa-se o termo "ambiente", que segundo Cândida Vilares Gancho:[8]

> *É o espaço carregado de características socioeconômicas, morais, psicológicas, em que vivem os personagens. Neste sentido, ambiente é um conceito que aproxima tempo e espaço, pois é a confluência destes dois referenciais, acrescidos de um clima.*

A noção de Espaço geralmente é apresentada juntamente com outros elementos da narrativa, principalmente com o ambiente e o tempo. O "ambiente" em uma narrativa

---

[7] Livraria Almedina, Coimbra, 1976. (p. 135).
[8] Como Analisar Narrativas. Editora Ática. São Paulo, 1991. (p. 23).

Campus ... Cáceres e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

nem sempre é apresentado de forma objetiva. Geralmente o narrador simplesmente o indica no decorrer da ação de maneira circunstancial. O "ambiente" é proveniente de fatos ocorridos no Tempo e no Espaço da trama, sendo diferente a cada obra. O "ambiente", segundo Orlando Pires[9] é:

> *No universo narrativo, o conjunto de elementos (materiais e mentais) que definem o meio em que se desenvolve a estória. Representa o verdadeiro "clima" em que se desenrolam as ações e se exteriorizam as vivências pessoais.*

Na obra literária o "ambiente" pode ser definido pelo conjunto de elementos materiais e mentais. Elementos estes que são decorrentes da narração do Espaço e estão assim divididos:

_ Elementos materiais: naturais - estiagens, selvas, mares, plantações, etc.

Artificiais - habitações, cidades, logradouros, locais de trabalho, etc.

_ Elementos Mentais: preconceitos, complexos, princípios éticos e religiosos, etc.

Dependendo a maneira que o narrador dispõe da força ambiental, o "ambiente" pode ser classificado em:

_ Pictórico, quando há predominância dos elementos materiais; e

_ Atmosférico, quando há predominância dos elementos mentais.

Dentre as funções do "ambiente", a principal delas é a de "situar os personagens no tempo, no espaço, no grupo social, enfim nas condições em que vivem."[10] O "ambiente" deve ser também a projeção das intrigas e confusões que os personagens vivem no decorrer da trama e até mesmo, estar em conflito com eles. O próprio

---

[9] Manual de Teoria e Técnica Literária, 2ª ed. sd. (p. 142).
[10] GANCHO, Cândida Vilares. Como Analisar Narrativas. op. cit. (p. 24).

Ambiente, dependendo da narração, oferece pistas para o desenvolvimento do enredo e até para o desfecho da trama.

Campus - Universidade de Pombal e Lagarto - UFCG
BIBLIOTECA

NOTÍCIAS DA LITERATURA

A literatura é sempre uma expedição à verdade.

Franz Kafka

Na antigüidade, o mundo era envolto por mitos e magias e foi na Grécia que a Filosofia começou o processo de desencantamento do mundo. Com o surgimento da ciência, desaparece o mito surgindo a razão e no lugar da magia surge a lógica.

Segundo o pensamento de Platão, os filósofos deveriam viver como sacerdotes e não podiam conviver com a emoção, se voltando somente para a razão, pois só assim poderiam analisar os fatos de maneira alheia, isolada, sem se envolver. Os filósofos - segundo Platão - viviam na luz, já que pensavam através da razão, enquanto que os poetas viviam na escuridão, pois pensavam e agiam através das emoções.

Aristóteles era discípulo de Platão desde os 12 anos de idade e tem uma maneira diferenciada de pensar, mas só após a morte de seu mestre defende seu ponto de vista de que toda pessoa pode viver na luz, conciliando razão e emoção. Basta que haja equilíbrio. Para Aristóteles, uma obra literária poderia, ou melhor, deveria apresentar somente um gênero literário: somente o lírico - cuja característica é o EU poético que era mostrado em forma de canto, de lamento; somente o épico - tem como característica ser narrado na 3ª pessoa, o mundo exterior ao poeta, no qual o mesmo relata histórias e costumes de um povo, assim como seus feitos heróicos; ou somente dramático - relata as tragédias, a purificação dos sentimentos, os conflitos das relações humanas e ainda, por

ser representado teatralmente. Os dramas eram apresentados aos nobres e as comédias, ao povo.

Até então, todos os escritores escreviam de acordo com o pensamento aristotélico, até que surge Shakespeare, já no final do século XV, início do XVI e se recusa a seguir tais regras, escrevendo dramas recheados com outros gêneros literários, como a tragicomédia. Enquanto isso, outros escritores escreviam as chamadas novelas de cavalaria, como por exemplo, *Dom Quixote*, que já era um ensaio de romance. Só mais tarde, no Romantismo, é que começa a escrever os romances, nas quais regras e normas são excluídas, possibilitando aos escritores e poetas explorar as emoções, escrevendo livremente sobre seus pensamentos, idéias e sentimentos.

Em se falando de Brasil, a cultura literária refletida na sociedade nos primeiros séculos era a européia, trazida pelos colonizadores e também por vários brasileiros que estavam em Portugal. A grande maioria dessa sociedade era formada por escravos analfabetos e seus senhores, que não se interessavam por literatura e sim com a exploração das terras para maior enriquecimento.

Quem primeiramente escreveu sobre a natureza, a terra e o homem do Brasil foram viajantes portugueses, no século XVI. Nosso primeiro documento histórico foi a carta que Pero Vaz de Caminha escreveu a D. Manuel comunicando o descobrimento do Brasil, a beleza da terra e da gente aqui existentes. Cronistas como Pero Lopes de Souza e Pero de Magalhães Gandavo se destacaram com suas obras. Essa foi a chamada literatura de informação, composta por cartas, epístolas, tratados e diálogos, quando tudo que se escrevia era para informar sobre os acontecimentos no Brasil.

A literatura jesuítica veio com a chegada dos padres, que visavam principalmente a catequese indígena e a conversão dos gentios. Eles passavam seus ensinamentos através do teatro apresentado em latim, português, espanhol e tupi, além de crônicas,

sermões e poesias, sempre com o intuito de evangelizar. Durante os séculos XVI e XVIII nosso ensino era precário, sendo orientado por jesuítas e existia em poucos lugares como por exemplo em Pernambuco, Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. A literatura que chegava tinha grande censura e até nossos autores brasileiros tinham de publicar seus livros em Portugal onde havia uma censura prévia.

Na segunda metade do século XVIII, acontece na Europa uma fase de transformação cultural que teve início na França com a Revolução Francesa, coincidindo com o desenvolvimento do Romantismo e a Revolução Industrial, que trouxe para os grandes centros uma considerável quantidade de pessoas que começaram a trabalhar nas fábricas. Consequentemente o rítimo de vida ficou mais acelerado, passou-se de manufatura para o sistema fabril ocasionando o aparecimento de grandes cidades industriais surgindo o individualismo econômico, induzido pela livre iniciativa. Surge então duas novas classes sociais: a burguesia industrial e proletariado, formando os empresários a sociedade de classes.

Por sua vez, a Revolução Francesa destruiu o absolutismo (sistema de governo em que o governante exerce o poder absoluto, sem limitações), levou a burguesia ao poder e criou condições para o desenvolvimento do capitalismo na França, derrubando a aristocracia com seus privilégios feudais. Além disso, esta Revolução provocou inquietações sociais nos países onde essas idéias revolucionárias repercutiram, inclusive no Brasil (Inconfidência Mineira - 1789). Juntas as Revoluções Industrial e Francesa derrotaram o absolutismo e incentivaram a livre iniciativa, forjando o individualismo econômico, o liberalismo político e o estímulo ao nacionalismo.

Diante de tantas mudanças, o homem deste tempo tem dificuldade em compreender ou mesmo assimilar tantas transformações. Inserido no novo sistema - o capitalismo, vê o rítimo de produção mudado, então perde o contato com o todo e sua

possibilidade de criação fica bastante reduzida. A repetição do trabalho vai fazendo com que o homem deixe de refletir sobre o que faz e alienando-se, ele fica sem controle sobre seu próprio mundo. Consequentemente, a arte é vista de forma desfavorável, por isso o artista, insatisfeito com a sociedade, passa a recusar seus modelos. A realidade deve então ser revelada através da visão pessoal do artista, surgindo daí o desejo de modificar o mundo, a vontade de fugir para outros espaço e/ou tempos.

Os modelos fixados até esse momento são de exageros na linguagem e na arte. A linguagem era culta e rebuscada, com o uso de figuras de linguagem e a escrita direcionada somente para a elite. As pessoas viviam na dúvida sobre o certo e o errado, o bem e o mal, numa constante dualidade de pensamento. Alguns escritores procuram simplificar, surgindo manifestações artísticas e o Neoclassicismo, o qual como o próprio nome já diz: novo clássico. Também chamado de Arcadismo é uma escola literária voltada para os clássicos, os deuses, com linguagem simples e a presença do bucolismo e do campo. Nos poemas, um verso tem seqüência no outro, dando idéia de narrativa como nas epopéias.

A burguesia era novos ricos que não tinham o costume da leitura, afastando-se da cultural oficial. Os escritores, que já estavam escrevendo em estilo romântico, fazem os folhetins para chamar atenção e causar interesse nos supostos novos leitores. Os folhetins eram escritos diariamente e cada dia contava um pouco da história que era trabalhada com subjetividade e ilusão, de forma juvenil e sonhadora. Eram histórias de amor com dramas amorosos que sempre apresentava final feliz.

O romance folhetim foi criado pelo jornalista francês Emile Girardin, que em 1836 lança um jornal mais barato e para alcançar maior venda descobre vários recursos como a utilização de um espaço reservado exclusivamente para o entretenimento. Era uma espécie de almanaque anexo ao jornal que primeiramente se chamava folhetim-romance,

depois romance-folhetim e, finalmente folhetim. Convida-se autores para escrever propositadamente para o jornal e o primeiro romance encomendado é *La Vieelle Fille - A Solteirona* - escrito por Honoré de Balzac.

Nessa mesma época - 1836 - iniciou no Brasil o Período Literário Romântico com a publicação de *Suspiros Poéticos* e *Saudades* de Gonçalves Magalhães, encerrando em 1881 com o romance de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Vale ressaltar que o primeiro era em poemas. A partir de então nasce a literatura autenticamente nacional, sendo considerada como expressão de liberdade.

O Romantismo apresenta três gerações, sendo a primeira nacionalista, indianista e religiosa, tendo como característica o sentimentalismo, a volta ao passado histórico, primitivismo, idealização e exaltação à natureza. A segunda geração apresenta o negativismo, idealização e exaltação à natureza. A segunda geração apresenta o negativismo, o individualismo e o subjetivismo tendo como características o mal do século, a idéia de morte e o pessimismo. A terceira é a chamado condoreira, com linguagem de altíssimo nível, é comparada ao vôo da ave condor, daí o nome condoreira. Suas principais características são as causas libertárias, humanitárias e a libertação do ultra-romântico.

Para definirmos o Romantismo como movimento histórico faz-se necessário tentarmos caracterizá-lo como um conjunto de traços e qualidades que o distingua do clássico e do realista. Detectamos vários romantismos, conforme as tendências de cada país, mas existe no entanto algumas características gerais que formam o Período Romântico, das quais podemos citar algumas:

_ Individualismo e subjetivismo: o romântico enxerga o mundo através de si mesmo, da sua própria personalidade, do seu íntimo. O Romantismo é subjetivo, apresenta a

expressividade, o ir além, o divagar, a fuga da realidade, dando lugar à emoção, intuição e à liberdade.

_ Ilogismo - não se obedece aos limites da lógica, não existem regras. O escritor vive num contraste existencial entre alegria e melancolia, entusiasmo e tristeza.

_ Escapismo - fuga da realidade que sufoca o autor. Ele busca um mundo inexistente, idealizado, a válvula de escape de todos os problemas. A maior de todas as fugas é a morte, na qual espera-se encontrar a paz tão desejada.

_ Fé - o romântico substitui a razão do classicismo pela fé e como idealista que é, crê na espiritualidade.

_ Religiosidade - A igreja é perfeita. Nesse período esquece os problemas que existiam no Barroco entre católicos e protestantes.

_ Culto à Natureza - a natureza para o romântico é como um santuário, onde se refugia das impurezas da sociedade. A natureza é amiga, acolhedora e inspiradora, o lugar puro em que pode curar o autor do mal físico e espiritual.

_ Retorno ao passado - saudade, lembrança da infância, idealizando uma época diferente da presente então.

_ Idealização da mulher e do amor - a mulher no romantismo era linda, maravilhosa, perfeita, mas estava somente no plano espiritual, angelical. O sentimentalismo romântico mostrou dois extremos: a exaltação do amor - capaz de transformar o mundo; e a sua lamentação - o desencantamento do mundo, causado pela melancolia e o pessimismo.

O Romantismo conquistou liberdade e espontaneidade na escrita, deixando de lado as formas e as regras até então existentes. Na poesia os esquemas métricos e as rimas foram esquecidas, o romance passou à epopéia em prosa, com total aprovação da

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

burguesia. E o teatro livrou-se das regras do clássico. Segundo Afrânio Coutinho:[11] "Enquanto o classicista é preso às regras e o realista aos fatos, o romântico é movido pela vontade do artista e pelas suas emoções e reflexões."

[11] COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. op. cit. (p. 10).

O ROMANCE ROMÂNTICO

O romance Romântico trabalha seus temas folhetinescos com subjetividade e ilusão de forma sonhadora, juvenil, fugindo à realidade. Teixeira e Souza foi o primeiro autor brasileiro a escrever um romance: *O Filho do Pescador* (1843). Antes disso porém temos Gonçalves de Magalhães, responsável pela introdução oficial do Romantismo no Brasil com a publicação de *Suspiros Poéticos e Saudades* (1836).

Em seguida temos Joaquim Manuel de Macedo, também um dos primeiros romancistas, publicou a obra que é vista oficialmente como primeiro romance brasileiro a ser publicado em livro: *A Moreninha* (1844). José Martiniano de Alencar é o nosso romancista Romântico. Aborda os mais variados temas, construindo um grande panorama geográfico, social e histórico do Brasil. Além desses, o Período Literário Romântico no Brasil apresenta outros renomados autores como Bernardo Guimarães, autor que já apresentava na época uma certa preocupação social e psicológica como por exemplo em *A Escrava Isaura;* Visconde de Taunay e Franklin Távora se direcionam para o regionalismo sendo que o segundo escreveu especificamente sobre o Nordeste. Manuel Antônio de Almeida teve sua única obra, *Memórias de um Sargento de Milícias*, publicada em 1854-1855, sendo que já o havia sido em 1852 e 1853 em folhetim, sem obter sucesso.

Muito temos a saber desses autores românticos, no entanto, nesse momento nos deteremos em apenas dois deles, os quais são autores das obras que formam o corpus deste trabalho: *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo e *Senhora*, de José de Alencar.

MACEDO

Joaquim Manuel de Macedo é considerado oficialmente o primeiro escritor romântico no Brasil, com a obra *A Moreninha* publicada em 1844 quando ele era um jovem recém formado em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro. Além da literatura, dedicou-se a outros trabalhos, também relacionados à escrita como por exemplo o jornalismo e chegou até a formar uma revista chamada *Guanabara* com outros amigos escritores.

Segundo Alfredo Bosi[12], apesar de Macedo ter percorrido todo o período romântico - já que escreveu de 1840 a 1870 - não melhorou em nada sua forma de escrever. Bosi afirma:

> *... nem por isso nota-se lhe progresso na técnica literária ou na compreensão do que deveria ser um romance. Macedo descobriu logo alguns esquemas de efeito novelesco, sentimental ou cômico, e aplicou-as assiduamente até as suas últimas produções no gênero.*

Macedo usa em seus romance uma linguagem bem simples, retratando a vida da classe média da época, sem preocupar-se em despertar no leitor algum tipo de questionamento ou reflexões. Seu objetivo era fazer com que seus leitores se divertissem com histórias de amor, suspense e muita emoção, o que os levaria ao mundo dos sonhos e da fantasia. Segundo Afrânio Coutinho:[13]

---

[12] BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 3ª ed. editora Cultrix, São Paulo, 1992 (p. 144)

[13] COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. op. cit. (p. 247).

> *O autor de A Moreninha foi um romancista cuja qualidade técnica não progrediu muito, do primeiro ao último livro. Quase seria permitido afirmar que o primeiro dele já revelava ao público o romancista fluminense tal como deveria ele ser durante toda sua longa atividade.*

Os romances que sucederam *A Moreninha* não obtiveram o mesmo destaque, mas nem por isso Macedo deixou de lado seu modo de escrever, oferecendo ao público o que eles querem: entretenimento. O leitor se identifica com as obras de Macedo, que lhes mostravam fatos do dia a dia dos burgueses. O pano de fundo dos romances eram as belas paisagens, as lindas moças namoradeiras em busca de um marido e os rapazes conquistadores.

Apesar das duras críticas sobre Macedo, devemos ressaltar sua importância na história da Literatura Brasileira, uma vez que iniciou o Romantismo e ganhou um enorme público leitor, que na maioria era moças jovens e sonhadoras que estavam sempre à espera de um novo romance do autor, recheado de tramas amorosas que sempre tinham final feliz.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

ALENCAR

Entre os primeiros escritores do Romantismo, conhecemos José Martiniano de Alencar, cearense formado em Direito, desde criança foi amante da leitura e apreciador da natureza. Considerado o maior ficcionista desse período, escreveu sobre diversos temas, como por exemplo o indianista no qual publicou *O Guarani* em 1857 (anteriormente publicado em folhetim), onde a figura do índio é exaltada. No histórico temos entre outros, *As Minas de Prata*, que retrata as aventuras ambiciosas para as conquistas de tesouros. E no urbano vemos os aspectos sociais do rio de Janeiro, os salões da corte, as paixões e a rotina de uma sociedade burguesa retratada - entre outros - em *Senhora.* Afirma Bosi:[14] "importava a Alencar cobrir com sua obra narrativa passado e presente, cidade e campo, litoral e sertão, e compor uma espécie de suma romanesca do Brasil."

Alencar se destacou entre os escritores de seu tempo, defendendo o modelo brasileiro de escrever, sem ter que copiar os moldes de Portugal, lutando por uma literatura autenticamente brasileira. Escreveu um total de 21 romances, além de peças teatrais, escritos políticos e críticos, obtendo enorme destaque nos romances sociais, nos quais apresenta de forma crítica a sociedade carioca daquela época. Deteve-se em especial no relato do perfil feminino como por exemplo em *Lucíola* e *Senhora.*

[14] BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira. Op. cit. (p. 151).*

ANÁLISE DO "AMBIENTE" EM *A MORENINHA* DE JOAQUIM MANUEL DE MACEDO.

Augusto é um jovem estudante de medicina, muito galante e namorador. Ao aceitar o convite de passar o dia de Sant' Ana na ilha da avó de seu amigo Filipe, faz com que esse uma aposta: se apaixonasse por quinze dias ou mais por alguma jovem da ilha, deveria escrever um romance relatando o ocorrido.

Na ilha, Augusto conhece a todos, inclusive Carolina, irmã de Filipe, achando-a primeiramente feia e travessa; logo depois agradável e má; mais tarde bonitinha e finalmente estava apaixonado, voltando várias outras vezes à ilha. Mas não podia comprometer-se com a jovem, pois quando criança fizera isso com uma garota da qual sequer sabia o nome e nunca mais tivera notícias.

Após grande sofrimento de Augusto e Carolina, que também se apaixonara, ele decide pedi-la em casamento assim mesmo, já que não sabia onde encontrar a garota para desfazer o antigo compromisso. Grande foi a surpresa ao descobrirem que eram eles as duas crianças comprometidas anos atrás. Todos estão em festa e os amigos perguntam Augusto sobre o livro que deveria escrever em pagamento da aposta, ele responde que já está pronto. O nome? *A Moreninha.*

Como podemos perceber através do enredo, após muitas tristezas, angústias e desavenças tudo termina bem. O final feliz do romance, com o casamento dos personagens principais Augusto e Carolina comprova o tema central da obra de Macedo: o casamento. Seu objetivo maior era manter seu público, mostrando o cotidiano daquela época, em que as moças só pensavam e esperavam o casamento já que eram criadas e educadas para esse fim.

Publicada em 1844, *A Moreninha*, primeiro romance de Macedo e oficialmente o primeiro publicado em livro no Brasil, possui várias semelhanças com o folhetim: os rapazes elegantes, as belas jovens sonhadoras, as complicações que sempre impedem que o casal apaixonado fique junto, e é claro, o final feliz. Obra de grande sucesso, transformada em filme e novela de televisão.

Quando publicada essa obra, o Brasil já independente, estava em plena efervecência e mesmo com certa perturbação de ordem política, encontrava-se em grande desenvolvimento econômico, principalmente no rio de Janeiro, capital do Império naquela época. Abriram-se várias fábricas e o transporte deixou de ser efetuado por animais com a inauguração da ferrovia. No que se refere à cultura, surgiram teatros, bibliotecas, livrarias e a imprensa desenvolveu-se. As Faculdades de Direito de Recife e São Paulo foram fundadas e as de Medicina foram remodeladas, em Salvador e no Rio de Janeiro.

É nesta mesma cidade - Rio de Janeiro - que se desenrola a trama de *A Moreninha*, sendo que a maior parte se passa numa ilha, com lindos jardins, grutas e praias, onde o clima é de muita paz, amizade, harmonia e mistério. O fator natural é predominante e temos como exemplo, as belas paisagens da ilha, lugar onde Carolina se refugia nos momentos de solidão e também se divertia nos alegres:[15]

> *Na praia estava deposta uma concha, mas tão perto do mar, que quem a quisesse tomar e não fosse ligeiro e experiente, se expunha a ser apanhado pelas ondas, que rebentavam com força então. Eu vi a travessa menina hesitar longo tempo entre o desejo de possuir a concha e o receio de ser molhada pelas vagas; depois pareceu haver tomado uma resolução: o capricho de criança tinha vencido.*

[15] MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. 29ª ed. Editora ática. São Paulo, 1997. (p. 49).

Chama-se fator natural, tudo que diz respeito à natureza e Carolina era uma amante do meio natural:[16]

> *A hóspede e o estudante deixaram então a gruta e, tomando o campo do jardim para vencer a altura do rechedo, viam a bela Moreninha em pé, voltada para o mar (...) A bela Moreninha tinha visto romper a aurora do domingo, no rochedo da gruta, e tendo, debalde, esperado seu estudante até alto dia, voltou para casa arrufada.*

Carolina está triste com o atraso de Augusto por quem está apaixonada e é no ambiente tranqüilo da ilha, em uma gruta deserta e calma que ela se refugia a espera do seu amado:[17]

> *Era uma gruta pouco espaçosa e cavada na base de um rochedo que dominava o mar. Ao lado direito havia um banco de relva em que poderiam sentar-se a gosto três pessoas; no fundo via-se uma pequena bacia de pedra, onde caia, gota a gota, límpida e fresca, água que do alto rochedo se destilava; preso por uma corrente à bacia de pedra, estava um copo de prata, para servir a quem quisesse provar da boa água do rochedo.*

O culto à natureza - uma característica marcante no Romantismo - é evidente nesta obra. Macedo não poupa palavras para descrever os fatores exóticos da natureza, que para os românticos não é apenas um lugar de refúgio, é a companheira e cúmplice de todos os momentos. Por exemplo, Carolina antes de se apaixonar por Augusto estava sempre alegre, brincando e cantando pelos jardins e praias da ilha. Ao se apaixonar e imaginar não ser correspondida tornou-se melancólica e arredia com todos, refugiando-se nos lugares mais distantes da ilha, como as grutas e sempre em harmonia com a natureza.

---

[16] op. cit. (p. 65).
[17] op. cit. (p. 48).

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

Além dos elementos naturais, percebemos também os artificiais que são as habitações, logradouros e cidades, todos bem retratados pelo autor quando fala da vida de Augusto e seus amigos estudantes na cidade do Rio de Janeiro:[18] "Vejam isto! Já tocou a recolher e Rafael ainda está na rua! Se cai nas unhas de algum beleguim, não é decerto, o Sr. Fabrício quem há de pagar as despesas da casa de correção."

Usando mais uma característica do romantismo - a riqueza dos detalhes - Macedo narra a casa onde Carolina mora com a avó. E sendo habitação um exemplo de ambiente artificial, vamos citar alguns exemplos:[19]

> *Agora, outras duas palavras sobre a casa: imagine-se uma elegante sala de cinqüenta palmos em quadro; aos lados dela dois gabinetes proporcionalmente espaçosos dos quais um, o do lado esquerdo, pelos aromas que exala, espelhos que brilham, e um não sei quê insinua, está dizendo que é o gabinete das moças. Imagine-se mais, fazendo frente para o mar e em toda a extensão da sala e dos gabinetes, uma varanda terminada em arcos, no interior meia dúzia de quartos; depois uma alegre e longa sala de jantar, com janelas e portas para o pomar e jardim, e ter-se á feito da casa a idéia que precisamos dar.*

A Moreninha, é um exemplo de romance urbano e como tal mostra temas ligados à vida na corte, os salões de festas, os estudantes e as mocinhas sonhadoras. No caso da obra em análise, temos um estudante de medicina vivendo na cidade do Rio de Janeiro, sendo galante namorador e uma jovem sonhadora, numa trama que envolve um amor impossível, por conta de um compromisso do passado. Vejamos um trecho que mostra o sofrimento dos personagens:[20]

> *Novidades do mesmo gênero perturbavam a paz e os prazeres da ilha de ... D. Carolina também padecia. Os nossos amantes acabaram de chegar ao sentimental, e*

---

[18] op. cit. (p. 20).
[19] op. cit. (p. 28).
[20] MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. 29ª ed. Editora Ática. São Paulo, 1997 (p. 127).

> *com seu sentimentalismo estavam azedando a vida dos que lhes queriam bem. Os namorados são semelhantes às crianças: primeiro divertem-nos com suas momices, depois incomodam-nos choramingando.*

Porém, após grandes conflitos e muito sofrimento tudo termina bem, pois trata-se de uma obra romântica, onde o final é sempre feliz. Observemos o exemplo a seguir:[21] "A Sra. d. Ana e o pai Augusto entraram nesse instante na gruta e encontraram o feliz e fervoso amante de joelhos e a dar mil beijos nos pés da linda menina, que também por sua parte chorava de prazer".

Percebemos ainda nessa obra, o convívio familiar que influi muito na vida dos personagens e também na vida real, valendo lembrar aqui, que na obra literária existe a verossimilhança. Macedo é bastante real ao narrar em seus romances o cotidiano da época; o leitor se identifica em suas histórias. Nesse sentido, Afrânio Coutinho diz o seguinte:[22] "Foi a predominância de pintura realista do ambiente social sobre o mundo íntimo das personagens que fez de Macedo um cronista do seu tempo."

A jovem Carolina por exemplo, sendo órfã de pai e mãe, vive num "ambiente" de harmonia, com o amor e o carinho da avó, do irmão, das primas e de todos da ilha:[23] "Perdendo seus pais quando apenas contava oito anos, a inocente criança tinha, assim como Felipe, achado no seio da melhor das avós a ternura de sua extremosa mãe."

Também Augusto, que apesar de viver no Rio de Janeiro com os amigos estudando, diante dos pais, a harmonia permanece no clima de respeito e amizade que existe entre eles. Mesmo estando longe, o pai está sempre presente em sua vida, dando-

---

[21] op. cit. (p. 135).
[22] A Literatura no Brasil. op. cit. (p. 248).
[23] MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. op. cit. (p. 28).

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

> *Três dias têm-se arrastado. Augusto está desesperado. Voltando da ilha de ... depois daquele belo dia da declaração de amor, achou na corte seu pai e em poucos momentos teve de concluir, na severidade com que era tratado, que já alguém o havia prevenido das suas loucuras e dos muitos pontos que ultimamente tinha dado nas aulas. (...) A mais bem merecida repreensão, e um discurso cheio de conselhos e admoestação veio por fim dar-lhe a certeza de que o seu bom velho está ciente de tudo*

O ambiente familiar está presente em toda a obra, inclusive nas festas que aconteciam na ilha às quais compareciam jovens e idosos. Até porque naquela época as moças só iam em festas se acompanhadas pelos pais ou alguém responsável. Verificamos alegria e harmonia nas festas de *A Moreninha*, como por exemplo no episódio intitulado *O Sarau*:[25] "O velho lembra-se dos minuetos e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau as estrelas no céu; estão no seu elemento."

Macedo narra nesta obra o ambiente pictórico, composto por fatores natural e artificial destacando o ambiente familiar, mostrando em um todo, a vida daquela época, as atividades das pessoas que compunham a classe burguesa. Tudo isso de forma simples, com linguagem popular - o que conquistou seu grande e fiel público.

---

[25] op. cit. (p. 93).

ANÁLISE DO "AMBIENTE" EM *SENHORA*, DE JOSÉ DE ALENCAR.

Aurélia é uma linda jovem, elegante e muito rica que mora em uma mansão luxuosa, tendo tudo o que quer e todos os homens da alta sociedade a seus pés. Mas nem sempre foi assim. Antes de receber a herança do avô ela vivia com a mãe em uma casinha simples, onde costurava para sobreviverem. Era noiva de Fernando Seixas, que apesar de apaixonado a abandona para casar-se com uma moça rica, pois ele era muito materialista e não tinha dinheiro para suprir seus luxos.

O que Seixas não sabia era que de repente Aurélia ficara rica e incumbira seu tutor a lhe comprar o ex-noivo. Ele ficou feliz ao descobrir que era Aurélia a desconhecida de quem noivara por dinheiro. Eles se casam, mas na noite de núpcias Aurélia recusa Seixas acusando-o de interesseiro. Passam então a viver de aparências, com grandes festas onde ela desfila com o marido como se fosse um troféu.

Ferido, Seixas amadurece e resolve recuperar a dignidade. Trabalha com afinco e consegue o dinheiro para devolver à esposa, dizendo-lhe que a partir daquele momento não é mais seu marido e que a riqueza dela os separava. Mas Aurélia pede que ele aceite o seu amor. É então que passam a viver o casamento verdadeiramente.

Vimos anteriormente que José de Alencar escreveu sobre vários temas sendo um deles o urbano, em que se encaixa essa obra - *Senhora*, publicada em 1875, pouco antes de sua morte - 1887, dando grande destaque ao personagem feminino, Aurélia, assim como também ocorre um *A Viuvinha* e *Lucíola*. Nessa época (1875), já havia terminado a guerra contra o Paraguai e também ocorria a aprovação da Lei do ventre Livre. Era um momento de transição para o Realismo e o romance *Senhora* vem mostrando o

surgimento de uma nova mulher, inteligente, independente e de personalidade forte. Podemos constatar isso no trecho a seguir:[26]

> *Era uma expressão fria, pausada, inflexível, que jaspeava sua beleza, dando-lhe quase a gelidez da estátua. Mas no lampejo de seus grandes olhos pardos brilhavam as irradiações da inteligência. Operava-se nela uma revolução. O princípio vital da mulher abandonava seu foco natural, o coração, para concentrar-se no cérebro, onde residem as faculdades especulativas do homem.*

O autor mostra o reconhecimento de que a mulher e inteligente, não só o homem, como era conhecido até então. É claro que retrata também a beleza perfeita dessa mulher, onde destaca-se uma característica do romantismo - a idealização da mulher. Vejamos:[27]

> *Aurélia ali estava como sempre, deslumbrante de formosura de espírito e de luxo. Seu traje era um primor de elegância; suas jóias valiam um tesouro, mas ninguém apercebia-se disso. O que se via e admirava era ela, sua beleza, que enchia a sala, como um esplendor. O baile, em vez de fatigá-la, ao contrário a expandia. Semelhante às flores tropicais, filhas do sol, que ostentam o brilhante matiz nas horas mais ardentes do dia, era justamente nesse pélago de luz e paixão, que Aurélia revelava toda a opulência de sua beleza. (...) Desprendia-se de seus olhos, de toda sua pessoa, uma efusão celeste que era como a sua irradiação.*

No Romantismo a mulher é sempre perfeita, bela e angelical, não se descreve os defeitos. O amor está sempre no plano espiritual e a mulher é vista como figura angelical.

Nessa obra que pertence a uma fase de transição para o Realismo, Alencar retrata também a sociedade burguesa do Rio de Janeiro, com as festas nos salões luxuosos, as

---

[26] ALENCAR, José de. Senhora. 32ª ed. Editora Ática. São Paulo, 1998. (p. 28).
[27] op. cit. (p. 165).

mulheres com seus trajes e jóias impecáveis, destacando-se o "ambiente" pictórico. Isso significa que há na obra a predominância dos fatores materiais e já sabemos que esses dividem-se em naturais e artificiais. Por se tratar de um romance urbano, encontramos em maior quantidade exemplos de fatores artificiais como habitações, cidades, logradouro e local de trabalho. Observemos a maneira detalhista que Alencar descreve a casa de Aurélia:[28] "É uma sala de quadro, toda ela de uma alvura deslumbrante, que realçavam o azul celeste do tapete de riço racamado estrelas e a bela cor de ouro das cortinas e do estofo dos móveis."

Naquela época era comum que os homens procurassem profissões que lhes dessem prestígio, se tornando médicos ou advogados. Seixas era funcionário público, cujo salário não era suficiente para suprir as despesas com sua tamanha vaidade. Sendo local de trabalho um exemplo de fator artificial, veremos um trecho que fala do trabalho de Seixas:[29] "Continuando a carreira de empregado público, que lhe impunha a necessidade, Seixas buscou para seu espírito superior, campo brilhante e encontrou-o na imprensa."

Outro exemplo de fator artificial nesta obra são as descrições das ruas do Rio de Janeiro:[30] "Os dias, destinava-os para as visitas da Rua do Ouvida, os piqueniques no jardim ou Tijuca (...) a solitária e plácida rua animou-se com um trânsito desusado de télbures e passeadores a pé..."

Os fatores naturais são pouco detectados nesta obra, por tratar-se de um romance que ocorre apenas no espaço da cidade, trazendo o fator natural quando fala do mar e de

---

[28] op. cit. (p. 72).
[29] op. cit. (p. 40).
[30] op. cit. (p. 136).

jardins. Alencar não deixa de lado a exaltação à natureza e mesmo sendo um romance urbano, está presente nos trechos a seguir:[31]

> *A noite estava plácida e serena. No céu recamado de estrelas e brisa cariciava uns frocos de nuvens alvas como a penugem das garças (...) Seixas parou um instante a contemplar a doce placidez da natureza. Essa calma suave da noite penetrou-o relaxaram-se-lhe as fibras da alma.*

No romance em análise Alencar mostra-nos a sociedade carioca, onde os costumes mais comuns eram os grandes bailes, as visitas aos amigos e também a leitura, que começa a fazer parte dos costumes da época - início de século XIX. Um exemplo é a personagem Aurélia, que ao ouvir comentários sobre um romance, logo se interessa:[32] "Aconteceu uma noite cair a conversa em assunto de literatura nacional (...) - já leram Diva? Respondeu um silêncio de surpresa (...) Pela manhã Aurélia mandou comprar o romance..."

Aurélia é uma mulher corajosa, arrojada e até mesmo avançada para sua época. Era independente e sempre sabia e conseguia o que desejava. Mesmo tendo ficado órfã e ter perdido o único irmão, vive num "ambiente" familiar:[33]

> *Era conhecida por D. Emília Camargo; tinha em sua companhia uma filha já moça a que se reduzira toda sua família (...) Aurélia não deixou a cabeceira do leito desse irmão, a quem ela amava com desvelo maternal. Os cuidados incessantes e os extremos de que o arcou bem como a necessidade de cuidar a tudo, foi talvez o que a salvou ...*

---

[31] ALENCAR, José de. Senhora. 23ª ed. Editora Ática, São Paulo, 1998 (p. 144).
[32] op. cit. (p.p. 170-171).
[33] op. cit. (p. 84).

Outro exemplo de "ambiente" familiar são os saraus - festas que aconteciam sempre, em casas de famílias da sociedade, num clima de muita alegria e respeito:[34] "As noites em que não tinha convite (...) improvisava uma partida que em animação e alegria não invejava as mais lindas funções da corte. Tinha a arte de reunir em sua casa as formosuras fluminenses."

Não podemos esquecer de mencionar também a família de Seixas, cuja mãe e irmãs eram tão carinhosas e cuidadosas com ele:[35] "No geral conceito, esse único filho varão devia ser o amparo da família (...) Não entendiam assim aquelas três criaturas, que se desviviam pelo ente querido. Seu destino resumia-se em fazê-lo feliz."

Seixas é um jovem muito vaidoso que só pensa em dinheiro, roupas, sapatos e chapéus de marca e como pertence a família pobre não tem posses para tanto. O que o faz abandonar a noiva Aurélia - ainda pobre - para casar-se com uma jovem rica, a fim de pertencer à alta sociedade e freqüentar a corte.

A personagem Aurélia, diante desse clima de pobreza, abandono e sofrimento, torna-se uma jovem forte e determinada, com intenso sentimento de vingança:[36]

> *Todavia, quando no dia seguinte ao casamento, sentada na cadeira de balanço, viu entrar Seixas na sala de jantar, sua resolução vacilou (...) não a abandonou o sentimento da vingança, mas o desabrimento e a ira excitados pela indignação da véspera, revestiam a forma cortês e o tom delicado...*

Esse sentimento vingativo é resultado dos acontecimentos ocorridos na vida de Aurélia anteriormente. Alencar consegue descrever uma mulher forte, que tendo o

---

[34] op. cit. (p. 163).
[35] op. cit. (p. 41).
[36] ALENCAR, José de. Senhora. 32ª ed. Editora Ática. São Paulo, 1998. (p. 152).

UNEMAT
Campus Universitário de Cáceres e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

orgulho ferido se torna vingativa, o que ocorre já no final do período romântico, em transição para o Realismo, quando já se fala dos problemas existentes.

Mesmo havendo nesta obra a predominância dos elementos materiais, encontramos ainda um clima familiar do qual já citamos alguns exemplos e também alguns fatores mentais, do qual destacamos o preconceito, mostrando a seguir exemplo:[37] "Quando Fernando depois de instalar no camarote, saiu a percorrer o salão, encontrou um camarada: _ Ó Seixas, não me dirás onde fostes desencovar aquele terno de roceiras? Aposto que ambas com tenções sinistras. Uma delas não é nenhuma asneira?"

Esse preconceito foi sofrido pela mãe e irmãs de Seixas, que não se vestiam de acordo com a moda vigente na sociedade da época, onde a riqueza e o luxo predominavam. Época em que somente as moças ricas conseguiam se casar, pois possuíam o dinheiro para o dote. Prova disso em *Senhora* é a irmã mais nova de Seixas e até a própria Aurélia, que fora abandonada por ele quando ainda era pobre:[38]

> *Quando Seixas convenceu-se que não podia casar com Aurélia, revoltou-se contra si próprio. Não se perdoava a imprudência de apaixonar-se por uma moça pobre e quase órfã, imprudência a que pusera remate o pedido de casamento. O rompimento deste enlace irrefletido era para ele uma coisa irremediável, fatal ...*

Percebe-se claramente nesta obra a força que o dinheiro e o poder financeiro exercem sobre os personagens, manipulando-os. A pessoa vale pelo que possui, ou pelo menos, pelo que aparenta possuir. O que nos leva a crer então, que o "ambiente" desta obra é burguês, carregado de ressentimento, vingança e preconceito. Vemos também como não é muito diferente nos dias de hoje, o que nos faz ressaltar que a obra literária possui a verossimilhança, ou seja, semelhança com a realidade. Um exemplo desse poder

---

[37] op. cit. (p. 44).

financeiro nesta obra é acaso de Fernando Seixas, que apesar de pobre, freqüenta as festas e os salões da sociedade carioca por se vestir como se fosse rico e poderoso:[39]

> *Foi assim que Seixas insensivelmente a fez-se à dupla existência, que de dia em dia mais se destacava. Homem de família no interior da casa, partilhando com a mãe e as irmãs a pobreza herdada, tinha na sociedade, onde aparecia sobre si, a representação de um moço rico.*

Apesar do dinheiro comandar, promovendo até casamento de conveniência em *Senhora*, após conflitos entre amor e dinheiro o amor vence no final, numa narrativa de linguagem simples e repleta de sentimentos - características marcantes do Período Literário Romântico.

---

[38] op. cit. (p. 94).
[39] Op.cit. (p. 41).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Me propus a desenvolver este trabalho sobre o "ambiente" no Período Literário Romântico, por gostar muito da Literatura Brasileira, principalmente do período Romântico, que é marcado pela riqueza de detalhes, quando tudo é narrado minuciosamente, desde os lugares em que ocorrem as tramas aos lindos trajes femininos. Os lindos salões de festas na corte, freqüentados pelas mais lindas e ricas mulheres, as jóias, os chapéus, os cavalheiros que educadamente convidam suas damas para dançar a romântica valsa e deslizam pelo imenso salão, felizes e apaixonados. A narração é tão detalhada que o leitor se sente como parte da história. Pode-se enxergar nitidamente os lugares e os personagens.

Vivencia-se também as tramas e as intrigas, resolve-se os problemas e desvenda-se os mistérios. Tudo isso no campo da imaginação. Existe um pensamento de Ramon Gomez de La Serna, que diz assim: "um livro é um pássaro com mais de cem asas para voar". No Romantismo, pode-se viver histórias de conflitos e intrigas, sendo o final na maioria das vezes, feliz. No mundo capitalista e conturbado em que vivemos, necessário se faz que se voe um pouco nas asas da imaginação, em busca da fantasia proporcionada pela leitura. Há no Romantismo um ambiente que realmente fascina - o que me levou ao desejo de buscar e descobrir mais sobre esse período.

Segundo Orlando Pires, sendo o homem um produto do "meio", recebe influências deste na formação de seu caráter e no condicionamento de sua maneira de agir. Baseando nisto busquei alguns aspectos do "ambiente" no Romantismo e após vários estudos pude perceber que além dos lindos salões de festas, as lindas mulheres e o

final feliz, descreve-se também - porém não em detalhes, nem tão pouco claramente - sobre o preconceito, a ganância por dinheiro, o interesse pelas coisas materiais e os casamentos por convivência, retratando a sociedade burguesa daquela época.

Mas nem sempre é assim, em *A Moreninha* por exemplo, publicada no início do Período Literário Romântico, (1844), Macedo faz um relato do que ocorria numa ilha do Rio de Janeiro de maneira simples e com linguagem bem popular, de maneira que percebe-se nitidamente sua intenção única de agradar ao público com um romance repleto de leveza, descrevendo um mundo bem familiar para seus leitores. Nada que exigisse deles alguma análise mais profunda e sim, o puro entretenimento. Os personagens são tipos comuns que vivem num ambiente familiar e tranqüilo e em nenhum momento fala-se de grandes fortunas, vingança, casamentos por interesse ou ressentimentos.

Já em *Senhora*, existe uma descrição mais realista da situação. Até mesmo por se tratar de uma obra publicada em 1875, final do Romantismo, transição para o Realismo. Nela Alencar faz uma crítica à sociedade burguesa, escrevendo sobre problemas sociais como a pobreza e preconceito. Seus personagens enfrentam dificuldades financeira e amorosas se tornando até vingativos e interesseiros, o que retrata um ambiente burguês, onde o dinheiro tem grande valor, apesar do amor vencer no final.

Para análise do "ambiente" deve-se levar em conta a época, a situação econômica e política do momento, a localização geográfica dos acontecimentos e o clima psicológico. Não esquecendo é claro das características e personalidade de cada autor, seu propósito e o Período Literário em que viveu ou escreveu.

Espero que nesta rápida viagem que fizemos juntos, você leitor tenha descoberto algo mais sobre a nossa literatura, principalmente o Período Romântico e os autores e obras dos quais pesquisei e analisei. Foi uma viagem rápida e bastante cansativa, porém, realizada com muito amor e dedicação.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, José de. Senhora. 32ª ed. Editora Ática, São Paulo, 1998.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda e MARTINS, Maria Helena Pires. Filosofando Introdução à Filosofia. Editora Moderna. São Paulo, 1992.

BOSI, Alfredo. História Concisa da Literatura Brasileira. 3ª ed. Editora Cultrix. São Paulo, 1994.

BOURNNEUF, Roland e OUELLET, Real. O Universo do Romance. Livraria Almedina, Coimbra, 1976.

CADEMARTORI, Lígia. Períodos Literários, 8ª ed. Editora Ática, São Paulo, 1997.

CANDIDO, Antônio. Literatura e Sociedade Estudo de Teoria e História Literária. 5ª ed. Editora Nacional, São Paulo, 1976.

COUTINHO, Afrânio. A Literatura no Brasil. Era Romântica, 4ª ed. volume 3. Editora Global, São Paulo, 1997.

GANCHO, Cândida Vilares. Como Analisar Narrativas. Editora Ática, São Paulo, 1991.

JÚNIOR, Benjamim Abdala e CAMPEDELLI, Samira Youssef. Tempos da Literatura Brasileira. 5ª ed. Editora Ática, São Paulo, 1997.

LUFT, Celso Pedro. Novo Manual de Português, Gramática, ortografia oficial, literatura, redação, textos e testes/ Celso Pedro Luft... [et.al.]. 4ª ed. Editora Globo, São Paulo, 1997.

MACEDO, Joaquim Manuel de. A Moreninha. 29ª ed. Editora Ática. São Paulo, 1997.

PIRES, Orlando. Manual de Teoria e Técnica Literária. 2ª ed. s.d.

REIS, CARLOS e LOPES, Ana Cristina M. Dicionário de Teoria da Narrativa. Editora Ática. São Paulo, 1988.

UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT
BIBLIOTECA

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de Lingüística Geral. Editora Cultrix, São Paulo, 1995.

TUFANO, Douglas. Estudos de Literatura Brasileira. 5ª ed. Editora Moderna. São Paulo, 1997.